

SACERDÓCIO INSTITUÍDO E OUTRAS EXPERIÊNCIAS RELIGIOSAS

PRIESTHOOD ESTABLISHED AND OTHER RELIGIOUS EXPERIENCE

Eleno Marques de Araújo, cp ()*

RESUMO

A proposta deste breve ensaio é analisar a questão sacerdotal, em primeiro lugar, na perspectiva da sociologia da religião, e em seguida abordar a temática sacerdotal presente no texto de Hb 4,14-16. Toda experiência religiosa tem em si um corpo sacerdotal definido, seja ele exclusivo por uma hierarquia instituída, ou colegiado entre todos os membros de determinada denominação. O Sacerdócio, segundo a perspectiva sociológica, caracteriza-se pela ação de uma pessoa em favor dos membros da comunidade religiosa. Nesse caso, o sacerdote é aquele profissional que lida com a administração do sagrado no campo religioso. Porém faz-se necessário distinguir que tipo específico de profissional é o sacerdote, porque também o mago, o profeta, o líder carismático, o adivinho manipulam o sagrado em favor daqueles que buscam, de alguma forma, o auxílio desses profissionais.

PALAVRAS-CHAVE: Sacerdócio. Líder. Profeta. Instituição.

ABSTRACT

The purpose of this brief essay is to analyze the priestly issue. At first from the perspective of the sociology of religion, and then address the priestly thematic present in the text of Hb 4, 14-16. Every religious experience has in itself a defined priestly body, whether it is exclusive by an established hierarchy or collegiate between all members of a particular denomination. The Priesthood according to the sociological perspective is characterized by a person's action in favor of the members of the religious community. In this case, the priest is the professional who deals with the administration of the sacred in the religious field. However it is necessary to distinguish which specific type of professional the priest is, since the wizard, as well as the prophet, the charismatic leader, the fortune - teller manipulate the sacred in favor of those who seek, somehow, the help of these professionals.

KEYWORDS: Priesthood. Leader. Prophet. Institution.

(*) Doutorando em Ciências da Religião pela PUC-GO (2009-2012). Licenciado em Filosofia (1994) pela UFG, em Teologia pela PUC-GO (2002) e mestre em Ciências da Religião pela PUC-GO (2002). Professor e coordenador do Curso de Filosofia do IFITEG – Instituto de Filosofia e Teologia de Goiás. Bolsista da FAPEG-GO. E-mail: onelecp@yahoo.com.br.

I SACERDÓCIO E OUTRAS EXPERIÊNCIAS RELIGIOSAS: ABORDAGEM SOCIOLOGICA

Na análise de Wach (1990, p. 431), a experiência religiosa do sacerdote é diferente da experiência de outros líderes religiosos. Uma definição para o sacerdote dada por Weber (1991, p. 294) é que ele se distingue do mago. “É possível designar como ‘sacerdote’ aqueles funcionários profissionais que, por meios de veneração, influenciam os deuses, em oposição aos magos, que forçam os ‘demônios’”. Nesta mesma linha também Wach (1990, p. 436) distingue a ação do sacerdote, do mago, do adivinho e do curandeiro. Não bastando essa distinção, pode-se acrescentar que: “denominam-se ‘sacerdotes’ os funcionários de uma empresa permanente, regular e organizada, visando à influência sobre os deuses, em oposição à utilização individual e ocasional dos serviços dos magos” (WEBER, 1991, p. 294). A distinção leva à conclusão de que a magia é uma atividade religiosa de cunho satânico ou demoníaco, ademais de ser uma atividade religiosa isolada sem ter um corpo definido. Em contrapartida, o sacerdote nunca age isoladamente, mas sua ação depende da ‘comunhão’ que ele tem com os membros da mesma “empresa” à qual pertence. Além do mais, fica muito claro que a atividade sacerdotal está diretamente ligada aos deuses e não aos demônios. Salienta-se ainda que a magia seja uma espécie de atividade religiosa profana e conseqüentemente não oficial, por lidar com os demônios. Do outro lado, a ação religiosa manipulada pelos sacerdotes não só é oficial, como também é sagrada por envolver os deuses.

Como tal, os sacerdotes podem exercer funções diversificadas, por exemplo no campo religioso propriamente dito estão: a mediação entre o ser humano e Deus, por meio de intercessões, a execução dos rituais, na celebração do culto, de purificação ou exorcismos, consagrando ou abençoando determinados lugares. Mas o sacerdote pode exercer também funções político-sociais como era o caso do sinédrio no judaísmo antigo que exercia o controle de ‘saúde’ da população. No campo da saúde pode aproximar também a curanderia que transcende do lado medicinal para o lado religioso e vice-versa. Pois, o curandeiro é sempre um conhecedor de plantas com poderes de cura, Ele manipula certas orações e bênçãos que juntadas ao poder terapêutico das plantas, dão a cura ao cliente. Ainda podem ser encontradas ações sacerdotais que aproximam da adivinhação como era o caso das consultas com as pedras sagradas de Urim e Tumim, no judaísmo antigo.

Dessa forma, pode-se definir como principal função do sacerdote a de “interpretar a vontade divina, mas também regular e corroborar, geralmente, a relação entre Deus e os homens” (WASH, 1990, p. 431). Em outras palavras, pode-se afirmar que o sacerdote exerce a função de mediador nas relações humanas para com Deus e de Deus para com as pessoas. A mediação sacerdotal acontece de forma primordial quando o sacerdote preside o culto. É por meio do culto que ele entra em contato com Deus em favor das pessoas. Para tanto, segundo Wach, (1990, p. 432), o sacerdote deve manter, de forma essencial, uma observância ritual regular (litúrgica), bem como seguir uma teologia bem definida que guiarão sua atividade religiosa.

Para bem desempenhar sua ação o sacerdote necessita de um conjunto de normas que conduzem, sobretudo, a “liturgia” do culto. Nesse sentido é que se deve compreender a seguinte afirmação de Weber (1991, p. 295): “[...] não há sacerdócio sem culto, mas sim culto sem sacerdócio”. Essa afirmação faz uma enorme diferença no que diz respeito ao conteúdo religioso. Nos cultos sem sacerdotes, bem como na magia, não existem a organização e a racionalização das idéias metafísicas, nem uma ética religiosa que oriente tanto o líder religioso quanto aqueles que buscam os serviços religiosos desses profissionais. Tanto a racionalização das idéias metafísicas quanto uma ética especificamente religiosa para orientar a ação religiosa só, segundo Weber (1991, p. 295), “costumam desenvolver-se quando há um sacerdócio profissional independente, adestrado para a ocupação contínua com o culto e os problemas da orientação prática das almas”.

Percebe-se o destaque e a importância dada na preparação e na instrução das pessoas que irão assumir uma função sacerdotal.

Muito importante é o papel que a preparação e a instrução desempenham no sacerdócio. O treinamento visa a desenvolver as faculdades e aptidões requeridas para a realização do culto. Esse treinamento centra-se no desenvolvimento e preservação da comunhão adequada com o nume, donde procede o mana ou ‘santidade’ do sacerdote (WASH, 1990, p. 433).

Tanto na magia quanto na curanderia a atividade religiosa é caracterizada pelo interesse do exercício religioso a ser desenvolvido. Nelas, a profissão é exercida de forma liberal, pois o mago e o curandeiro não dependem de nenhum corpo instituído. O que vale aqui são os seus dons pessoais e naturais. Já o sacerdote, seja ele hereditário ou com base em algum tipo de hierarquia contratual, depende inteiramente da instituição religiosa na qual está a serviço,

bem como dos membros dela, por meio de relações associativas de qualquer natureza. Assim, os sacerdotes são empregados dessas instituições ou associações e delas dependem inteiramente para colocar seus serviços em prol dos seus membros. (WEBER, 1991). Ademais podemos acrescentar que “de modo particular o ritual do sacrifício, em todas as suas variedades e com toda a parafernália, exige um corpo de sacerdotes bem treinado e organizado para executar e supervisionar o procedimento” (WACH, 1990, p. 434). Essa afirmação encontra uma base no judaísmo, que não só instituiu um corpo sacerdotal definido, como confeccionou utensílios para o ritual cúltico e sacrificial (Ex 25-30; 1Cr 4,19). Ademais, o sacerdote ainda é responsável por outras funções como: o zelo pelas tradições religiosas, a proteção dos conhecimentos sagrados e da técnica de meditação e da oração. Daí decorrem outras atribuições e, sobretudo na condição de guardião da tradição, segundo Wach (1991, p. 437), “o sacerdote, é também o homem prudente, o conselheiro, o educador, o filósofo.”

No exercício de suas tarefas, o sacerdote realiza os ritos sagrados, sobretudo por meio do culto, em função do qual “ele cria e fomenta as artes do canto sagrado, da composição, literatura, música, dança, pintura sagrada, escultura e arquitetura. O sacerdote lança os alicerces da teologia, da história, da filosofia, da lei, da medicina, da matemática e da astronomia” (WACH, 1991, p. 437).

No cotidiano do sacerdote, ele terá que desempenhar outras funções que até agora não foram abordadas, mas que são muito importantes no ministério sacerdotal, por estarem diretamente relacionadas com a vida das pessoas e da sociedade como um todo. “O sacerdote exerce a tremenda influência de que a história da civilização dá testemunho. No início, esta influência, que era principalmente religiosa, a seguir se estendeu para as esferas moral, social, cultural e política (WACH, 1990, p. 438).

Conforme Bourdieu (1999) é preciso ter presente que nem sempre existiu um corpo sacerdotal bem definido com funções específicas e regidas por um conjunto de regras e normas especiais, mas: “em condições primitivas, o pai de família com frequência age como o ‘sacerdote’ de seu lar, e o comandante ou rei podem officiar o culto pessoalmente ou por procuração, fazendo as vezes do sacerdote ou de sumo sacerdote de sua tribo, povo ou Estado.” (WACH, 1990, p. 435). O autor continua dizendo na mesma página que “o sacerdócio pode ser desempenhado por tribos, clãs ou famílias especiais, como em Israel, Grécia, Roma, Pérsia e Índia.” Seguramente foi o avanço nas condições cultu-

rais, bem como sociológicas, que tornou necessário ou que até mesmo proporcionou o surgimento de uma organização sacerdotal bem definida. A ascensão à função sacerdotal pode ser de diferentes formas, conforme se concebe nas mais diferentes partes. Pode ser, por exemplo conforme Wach (1990, p. 439):

Hereditária, como em Israel, Grécia, Roma e Japão (...) Às vezes os sacerdotes estão originados como grupos ou castas exclusivas, mas há lugares em que a admissão a este cargo é livre (...) Muitos povos admitem mulheres ao sacerdócio (Egito, Celtas, Grécia, Roma, Antiga Ásia Ocidental, Japão, América do Sul e do Norte).

Dessa maneira é claro que o sacerdócio de Jesus descrito na Carta aos Hebreus não é um sacerdócio por hereditariedade, mas afirma que Jesus o recebeu diretamente de Deus (Hb 5,10), como também o recebeu Aarão (Hb 5,4). Diferentemente a ascensão ao sacerdócio no judaísmo acontecia por pertença tribal, isto é, por hereditariedade. Para ascender ao sacerdócio devia-se, antes de tudo, pertencer à tribo de Levi, da qual separava-se uma família, e desta, um varão para exercer a função sacerdotal. Jesus não pertencia à tribo sacerdotal, mas sim à tribo de Judá. Logo, podemos concluir que a atribuição sacerdotal que o autor ou autora de Hebreus faz a Jesus é uma leitura do acontecimento do Gólgota e uma reinterpretação do sacerdócio levítico.

2 O SACERDÓCIO EM HB 4, 14-16

A história humana mostra que a dimensão religiosa acompanha a humanidade desde muito cedo. Essa presença religiosa tem acontecido, aqui e ali, por meios diferenciados. O que interessa mais de perto é a história religiosa do povo hebreu, porque é do meio desse povo que surgiu uma casta sacerdotal que passaremos a analisar aqui: a casta sacerdotal de Levi.

A origem dos levitas está ligada especificamente ao cumprimento de duas funções: a) ensinar para todos os hebreus que foi Iahweh quem os libertou da opressão do Egito (Ex 13,11-16); b) exercendo a função de sacerdotes, passavam, assim, a ser os legítimos mediadores entre Deus e os homens (Nm 8, 14-19). Mais tarde, em Jerusalém este corpo sacerdotal vai estar diretamente ligado ao sacrifício no Templo. Eles estão presentes na Carta aos Hebreus, quando seu autor ou autora evoca Aarão em Hb 5,4, dizendo que ninguém pode ser sacerdote se não foi chamado como Aarão. Dessa forma, analisaremos o sacerdócio levita.

2.1 LEVI E O SACERDÓCIO LEVITA

A genealogia descrita em Gn 35,22b-26 mostra que Levi é o terceiro filho de Jacó, por ordem crescente. Jacó teve doze filhos que mais tarde formaram as doze tribos de Israel. Naquela genealogia, Levi é filho de Lia. Ele não é pessoa lendária, podemos encontrar, por fontes escriturísticas, sua origem. Pode-se saber de qual família ele se originou (Jacó e Lia), saber sobre sua vida (Gn 34,21-31), saber sobre seus descendentes: Gérson e seus filhos: Lobni e Semei; Caat e seus filhos: Amram, Isaar, Hebron e Oziel; Merari e seus filhos: Mooli e Musi. Amram desposou Jocabed, sua tia, a qual lhe deu Aarão e Moisés. Levi viveu cento e trinta e sete anos (Ex 6,16-20). Temos notícias sobre os clãs levitas (Ex 6,17-27), e podemos saber sobre sua tribo (Js 13,14). Conforme Ex 1, 6, Levi morreu no Egito junto com todos os seus irmãos, uma vez que toda aquela geração pereceu nessas terras.

Uma leitura parcial pode levar à conclusão de que, a princípio, a tribo de Levi não era sacerdotal, que não fazia parte da casta sacerdotal. Ao contrário, uma leitura mais profunda da temática sacerdotal na Sagrada Escritura tornará evidente a pertença do sacerdócio à tribo de Levi, visto que não só Levi, mas toda a sua tribo foi eleita, escolhida por Deus para a função sacerdotal (Nm 3,12).

É também evidente que nem sempre existiram os sacerdotes junto ao povo. Nem sempre aquele que oferecia os sacrifícios era chamado de sacerdote. Assim, pode-se encontrar, por exemplo, Abrão erigindo altares e oferecendo sacrifícios a Deus. Mas não se encontra nenhuma referência ao sacerdócio de Abrão. Seguindo o cânon bíblico, a primeira referência ao sacerdócio é feita em relação à pessoa de Melquisedec em Gn 14,18-20.

O sacerdote Melquisedec descrito em Gn 14,18-20 não era hebreu. Não fazia parte constitutiva desse povo. Então, é preciso buscar, no meio do povo hebreu, a existência de uma casta sacerdotal. Não será difícil encontrá-la. Em Dt 33,8-11, quando Jacó abençoa seus filhos, junto com a bênção a Levi, ele dá também o direito de consultar a Iahweh em favor do povo, por meio das pedras: Urim e Tummim. Estas pedras são de uso sacerdotal, conforme o texto da investidura de Aarão em Ex 28,30. A realização da consulta a Iahweh significa, em outras palavras, a questão da mediação. Assim, o próprio Levi exerceu de alguma forma o sacerdócio em favor de seus irmãos e irmãs. Não se pode negar, porém, que é com a família de Aarão que o sacerdócio levita ganha forma enquanto instituição (Ex 29). Assim, pela primeira vez, quem de fato

recebe o título de sacerdote, em relação à função que exerce, é Aarão. Este, sim, é sacerdote levita, pois descende diretamente de Levi (Ex 6,16-20).

O sacerdócio não é de Aarão, mas da tribo levita (Dt 33,8-11), que foi eleita e escolhida pelo próprio Deus, quando disse: “Vede que eu, eu mesmo, escolhi os levitas do meio dos filhos de Israel, em lugar de todos os primogênitos, daqueles que entre os filhos de Israel abrem o seio materno; os levitas são meus” (Nm 3,12). Assim, fica claro que é a tribo de Levi que detém o sacerdócio por eleição de divina. Foi o próprio Deus que a escolheu dentre todas as outras tribos, como a um primogênito. Ex 13,11-16 trata com muita clareza a função dos primogênitos, isto é, eles são os responsáveis por manter viva na memória de todo hebreu a ação de Iahweh que os tirou com mão forte da opressão no Egito. Quando Iahweh escolheu os levitas em lugar de todos os primogênitos, Ele estava transferindo-lhes a função de ensinar sempre, para todo hebreu, que foi Ele mesmo que os libertou do Egito.

2.1.1 FUNÇÕES DO SACERDÓCIO LEVITA

A tentativa de encontrar uma única atribuição específica ao sacerdócio levita será frustrada. Na verdade, ele não tem como única função a mediação entre o ser humano e Deus. Encontrar-se-ão várias atribuições, dentre elas, citam-se: os rituais do sacrifício (Lv 1-9; 16), o controle sanitário ou de saúde, conhecidos também como rituais de pureza (Lv 13-14), consulta com as pedras sagradas, o *Urim* e o *Tummim*, (Dt 33, 8; 1Sm 14,36-42; 23,9-12), algumas atribuições jurídicas (Nm 5,11-31), a ‘catequese’ (Dt 33,8-11; 31,9-26) e a distribuição de bênçãos (Nm 6,22-27; Eclo 45,15).

A princípio, pode-se dizer que todas essas atribuições ao sacerdócio levita estão mais voltadas para a dimensão da pessoa humana. É claro que algumas delas estão também indo ao encontro de um plano divino. Porém, aqui o mais importante é o relacionamento de pessoa a pessoa, um convívio em sociedade. Mas, ficar somente neste plano é como perder o melhor da própria pessoa, porque esta é chamada também a relacionar-se com Deus.

Conforme se pode deduzir, “entre as relações constitutivas da pessoa humana, há uma que é fundamental [...]. Ela condiciona todas as outras relações. Trata-se da relação com Deus. O ser humano é um ser chamado a entrar em relação com Deus” (VANHOYE, 1994, p. 15). Dessa forma, o ser humano relaciona-se com Deus: mesmo que este não seja um ‘crente’, ele se relaciona na dimensão da negação de sua existência. Todavia o que é importante ser ressal-

tado é o relacionamento e a vivificação do ser humano em Deus. É exatamente a essa exigência que o sacerdócio procura responder.

Ex 29 descreve a consagração dos sacerdotes levitas, nas pessoas de Aarão e de seus filhos. O sacerdote era alguém que se separava do povo por meio desses rituais de consagração e de purificação para daí mediar as relações das pessoas com Deus e de Deus com as pessoas. Assim, “o sacerdote, com efeito, é um homem que tem a responsabilidade social das relações com Deus. Ele está a serviço do grupo em seu conjunto, em tudo o que se refere à relação com Deus” (VANHOYE, 1983, p. 15).

Para o sacerdote levita o relacionamento do ser humano com Deus tem necessariamente que passar por meio de sua ação, isto é, de sua mediação. A pessoa, pecadora, não consegue, por si só, alcançar os beneplácitos de Deus. Esse relacionamento só é possível quando acontece uma radical transformação na vida do ser humano. Essa transformação é exatamente a mudança de níveis, saindo do profano (realidade humana) e passando para o sagrado (realidade divina). Mas tudo isso não acontece a partir do nada. É preciso que o ser humano se encha de santidade, de graça, por meio de uma ‘consagração’ (Ex 29). Sem a consagração, o relacionamento fica no plano humano e não atinge a Deus.

Há que se perguntar como acontece essa consagração. Não será difícil perceber que ela consiste em um ritual de separações (Lv 9; Ex 29). O autor ou autor de Hebreus critica profundamente esse princípio de separação do sacerdócio levita (Hb 8,3; 9,6-7; 10,6-7). O sacerdote não pode estar fora da realidade do povo, isto é, não pode estar fora de sua própria realidade humana. Para ser sacerdote autêntico, ou melhor, para a ação sacerdotal ser plena (isto é, ser ouvida por Deus), o sacerdote tem que estar ao mesmo tempo ligado (unido) ao povo e a Deus.

Não basta estar ligado só a Deus e estar fora da realidade humana. Este esquema da consagração separa a pessoa do mundo, da dimensão humana. Logo, a consagração não está no aperfeiçoamento da pessoa em si, mas simplesmente na separação entre a pessoa (sacerdote) e a realidade do mal (realidade mundana). Para os hebreus é como se essa separação conferisse um grau de santidade ao sacerdote simplesmente por ele não estar mais no meio de uma realidade pecadora (isto é, realidade profana). “A ‘santidade’ assim conferida deve ser cuidadosamente preservada: severos preceitos obrigam o sacerdote a evitar tudo o que possa levá-lo ao nível profano” (Lv 21).

Esse esquema de consagração traz a concepção de um Deus, cujo acesso só acontece no Templo, isto é, no Santo dos Santos. Somente quem tem acesso a esse local é o sacerdote. Mesmo assim não basta ser sacerdote para entrar no Santo dos Santos. O sacerdote tem que se submeter a uma série de ritos e cerimônias sagradas (Lv 8-7) para ter acesso a esse lugar. Entre esses procedimentos se destaca a cerimônia do ‘sacrifício’.

Este é um dos pontos culminantes do sacerdócio levita. Na medida em que o sacerdote busca tornar-se sagrado por meio do sacrifício, ele vai deixando cada vez mais o espaço e as atividades profanas, a vida terrena, para entrar em contato com Deus, isto é, para ascender-se junto de Deus. Se a sua consagração tiver êxito, sua oferenda será aceita por Deus e suas preces serão atendidas. Em outras palavras, a ‘santidade’ do sacerdote foi vista por Deus. O povo foi bem representado (mediado), e assim Deus concede o perdão e as bênçãos por meio da oferenda que lhe foi agradável. Não se pode esquecer de que o êxito da consagração é a separação, tudo depende dela. “Em última instância, tudo repousa sobre o sistema das separações rituais de que falamos. E é por isso que os judeus davam-lhe tanta importância. As infrações a esse sistema eram punidas com a morte (Nm 1,51; 3,10.38; At 21,27-31)”. (VANHOYE, 1983, p. 15).

Todo este esquema de ritos prescritos para o bom cumprimento do sacerdócio e da prática religiosa tem o seu limite. Já alguns profetas criticaram duramente todo esse processo. Amós é o principal representante deles (Am 5,21-25; veja também 1Sm 15,22; Is 1,10-16; 29,13-14; 58, 1-8; Os 6,6; Mq 6,5-8; Jr 6,20; Jl 2,13; Zc 7,4-6). Jesus também fez fortes críticas a esse esquema de ritos (Lc 11,38-51; Mt 7,21-23; 23,23-32; Jo 4,21-24; Mc 7,3-13). Sua ação foi completamente inversa. Ao invés de separação, Jesus propõe um ‘ajuntamento’, uma integração das pessoas. Ele coloca a pessoa no centro (Mc 3,3). É a vida que está no centro, e não o pecado, como o esquema das separações propõe. Para Jesus, optar pelo pecado é optar pela morte (não salvar a vida), optar pelo pecador (pessoa) é optar pela vida, salvar, curar etc.

Só pode ser plenamente sacerdote a pessoa que estiver “ligada” ao mesmo tempo com Deus e com os irmãos e irmãs (Hb 2,10-18). Do contrário, as relações são imperfeitas. Ou elas carecem do relacionamento com Deus ou carecem do relacionamento com o ser humano. Com esta argumentação, o autor ou autora de Hebreus vai mostrando que o sacerdócio levita é imperfeito, porque é temporal. Esse sacerdócio foi constituído como símbolo, e todo símbolo tende a desaparecer quando o simbolizado está presente. Ora, se Jesus é o

verdadeiro e eminente sacerdote constituído pelo Pai (Hb 4,14), o seu símbolo já foi superado, isto é, o sacerdócio levita (Hb 7,15-19). Parece ser impossível demonstrar o limite do sacerdócio levita sem mostrar a perfeição do sacerdócio de Jesus Cristo.

Hb 5,1 diz que todo sumo sacerdote é tirado do meio dos homens e é constituído em favor dos homens em suas relações com Deus. No esquema de separações, o termo “tirado” é entendido no sentido literal, isto é, separa-se do meio das pessoas. Em Hebreus é o contrário, o termo ‘tirado’ deve ser entendido como eleição, escolha, jamais como separação, como barreira. Do contrário, como poderia o sacerdote manter relações com os seus irmãos e irmãs? Ele é escolhido dentre as pessoas e ali permanece. É segundo essa concepção que Jesus foi ‘eleito’, ‘escolhido’ sacerdote, para estar entre as pessoas e oferecer sacrifício agradável a Deus. Os sacrifícios que os sacerdotes levitas ofereceram não foram plenificados, porque não era na morada de Deus que entrava o sumo sacerdote judeu, mas na tenda, ou mais tarde no Templo, uma construção humana, material (Hb 9,1.24). E Deus não habita as construções humanas (At 7, 48; 17,24). Nesse caso, a ‘primeira tenda’ não podia dar acesso ao santuário celeste, porque ela própria era limitada por ser fabricada por mãos humanas.

A ineficácia do sacerdócio levita está exatamente nas duas dimensões já abordadas: a) no relacionamento com os irmãos e irmãs; b) no relacionamento com Deus. A primeira não se constituía de fato, pois os sacerdotes eram separados, tirados do meio do povo para se tornarem puros, sagrados. A segunda também não se constituía, porque, embora estivessem separados da realidade profana, estavam presos na realidade do mundo humano. O templo é realidade humana e não celeste, é fabricação humana. Assim, o sacerdote nunca entrava de fato em perfeito contato com Deus. Suas relações só se davam no plano da realidade humana, e mesmo assim carente de profundidade, porque os sacerdotes eram também separados de seus irmãos para buscarem a santificação. Aqui, parece não ter saída para o problema, mas:

O autor encontra a causa profunda dessa situação sem saída na natureza dos sacrifícios oferecidos (9,9). Mesmo que o verdadeiro caminho fosse conhecido, ninguém poderia tê-lo tomado para se aproximar de Deus, porque não havia sacrifícios dignos de serem apresentados a Deus: e não é caminhando que se avança até Deus, mas oferecendo-se. (VANHOYE, 1983, p. 71).

Com isto, em Hebreus fica evidente que todos os sacrifícios levíticos não são eficazes. É inútil oferecer sangue de bode para expiação de pecado.

Qual a relação entre sangue de bode e pecado do ser humano (Hb 10,4)? Neste sistema de sacrifícios é evidente o esquema de separações. O sacerdote está separado do povo; o sacerdote está separado da vítima, porque ele não se oferece a si mesmo, mas, bodes e touros, e a vítima também está separada de Deus. Apesar de tantas separações, os sacerdotes continuavam pessoas mortais, imperfeitas e pecadoras. Eram carentes, portanto, de novos ritos de aperfeiçoamento, suas ações eram ineficazes (Hb 7,18). Assim, eles viviam um eterno recomeço de oferendas. Daí se conclui a ineficácia do sacerdócio levita.

3 CONCLUSÃO

Podemos concluir que são muitas as experiências religiosas e cada uma delas justifica sua própria validade. A magia, por exemplo, trabalha com uma clientela que a procura para resolver problemas pontuais sem levar em conta uma pertença em relação ao mago que lidera tal serviço. Sua validade está na força das 'orações' feitas e em função do mago em si mesmo. Já em um serviço sacerdotal instituído isso não ocorre, pois o sacerdote deve obedecer rigorosamente a um conjunto de normas estabelecidas ao colocar um ritual em prática. Também podemos afirmar que o fiel tem o sentimento de pertença ao corpo instituído, ele se sente membro da comunidade à qual o sacerdote serve. Além disso, a força da eficácia do sacerdote não está nele mesmo, mas no cumprimento dos rituais prescritos. A Carta aos Hebreus apresenta uma releitura do sacerdócio levítico, apresentando uma ineficácia em relação ao sacerdócio de Jesus Cristo, pois aqueles sacerdotes eram separados da comunidade, de seus irmãos e irmãs, e ofereciam sangue de animais nos rituais de purificação, vindo daí sua ineficácia. Jesus não se separou do povo, e se ofereceu ao Pai. Daí a eficácia de seu sacerdócio, conclui a autora ou autor de Hebreus.

REFERÊNCIAS

- A BÍBLIA de Jerusalém. Tradução portuguesa. São Paulo: Paulinas, 1980.
- AUNEAU, Joseph. *O sacerdócio na Bíblia*. Tradução de Maria Cecília M. Duprat. São Paulo: Paulus, 1994. (Cadernos bíblicos, n. 61).
- BRUCE A. Melquisedec, em: *Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento*. Org. Coenen, L. e Brown, C. Tradução de Gordon Chown. 2. ed. v. 1. pp. 1267-1269. São Paulo: Vida Nova, 2000.

COZZENS, Donald B. *A face mutante do sacerdócio*. Trad. Cecília Camargo Bartalotti. São Paulo: Loyola, 2001.

DATTLER, Frederico. *A Carta aos Hebreus*. São Paulo: Paulinas, 1980.

DONGHI, Antonio. *Eu sou glorificado neles – A oração sacerdotal de Jesus na oração eucarística*. Trad. Silva Debetto C. Reis. São Paulo: Loyola, 2004.

LOCKMANN, Paulo. Misericórdia Quero, Não Sacrifícios. *Revista de Interpretação Bíblica Latino-Americana*. Petrópolis/São Leopoldo, n. 10, p. 72-85, 1991.

QUINN, John R. *Reforma do papado – indispensável para a unidade cristã*. Trad. Flávio Cavalca de Castro. São Paulo: Santuário, 2002.

WACH, Joachim. *Sociologia da Religião*. Tradução: Atílio Cancian. São Paulo: Paulinas, 1990.

WEBER, Max. *Economia e Sociedade*. Tradução: Regis Barbosa e Karen Elsabe Barbosa. Brasília: UNB, 1991.

VANHOYE, Albert. *A mensagem da Epístola aos Hebreus*. 2. ed. Tradução de Álvaro Cunha. São Paulo: Paulinas, 1983. (Coleção Cadernos Bíblicos, n. 21).

VANHOYE, Albert. *Sacerdotes Antigos e Sacerdote Novo – segundo o Novo Testamento*. Trad. Ronaldo Brito. São Paulo: Academia Cristã, 2006.

Recebido em 12/05/2012
Aprovado em 09/06/2012

DEBATES &

COMUNICAÇÕES

